

TRATO COM O CONTEÚDO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DO DISCURSO À PRÁTICA ATUAL

*Volni Fernando Martins¹
Jairo Antônio da Paixão²*

RESUMO

O estudo analisa, a partir do discurso dos professores, como ocorre o trato com o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física. Considerou-se o trabalho realizado por professores atuantes em escolas da rede pública e particular da cidade de Ouro Preto, MG. Empregou-se um questionário, embasado em literatura específica, com questões abertas e fechadas estruturadas a partir da escala Likert de três pontos. Os resultados obtidos expressam que, mesmo após duas décadas de movimentos e discussões que criticam a forma como o esporte se insere na escola, mantém-se um quadro em que o esporte detém a hegemonia entre os demais conteúdos, assumindo função legitimadora não só do professor, mas da própria Educação Física como componente curricular.

Palavras-chave: Educação Física, esporte, escola.

INTRODUÇÃO

O esporte configura-se como um dos mais importantes fenômenos sociais ocorridos nos últimos tempos. Nas palavras de Tubino (2001), fatores como o aumento considerável do número de praticantes, bem como o surgimento ininterrupto de novas modalidades esportivas, sob diferentes perspectivas, reforçam a relevância do esporte como uma poderosa instituição na sociedade atual.

Recebido para publicação em 04/2014 e aprovado em 08/2015.

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Ouro Preto, MG.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenador do Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física (LEPEF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, MG.

O esporte tem refletido a forma de organização da sociedade, retratando as diversidades entre povos, nações e classes sociais, tornando-se ainda matéria-prima dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural contemporânea (COICEIRO, 2007).

De forma semelhante, essa notoriedade do esporte, como um dos fenômenos mais expressivos ao longo dos tempos, em praticamente todas as sociedades, configura-se de forma semelhante na escola, mais precisamente como conteúdo das aulas de Educação Física (BRACHT, 2011).

Entre os temas sugeridos pela Cultura Corporal de Movimento, como a dança, a ginástica, os jogos e as lutas (SOARES et al., 1992), percebe-se a soberania do esporte, que mantém, ao longo dos tempos, uma inabalável hegemonia se comparado com os demais conteúdos selecionados pelos professores para serem trabalhados nas aulas.

Tem-se a partir da segunda metade da década de 1980, embasado pelas pedagogias críticas da Educação Física, um significativo desenvolvimento da produção acadêmica que tem como objeto a Educação Física na Educação Básica. Sem a pretensão de esgotar as publicações que foram importantes, com destaque para aquelas de autores como Soares et al. (1992), Kunz (2000), Vago (1996), entre outros, que preconizaram uma discussão que perdura nos dias atuais sobre a relação que a Educação Física escolar estabelece, ou deveria estabelecer, com o esporte de rendimento, foram levantadas discussões célebres, como, por exemplo, o sentido do esporte da escola e o esporte na escola enquanto um alerta aos professores sobre a necessidade de uma transformação didática pedagógica do esporte (KUNZ, 2000).

As críticas envolvendo o trato do esporte no âmbito escolar e seu sentido polissêmico na formação do indivíduo na década de 1990 reverberam no contexto acadêmico atual e constituem referências para entender a relação que se estabelece entre Educação Física escolar e esporte³ (MELLO et al., 2011).

A partir de constatações empíricas, como aquelas presentes na literatura específica atual (ALMEIDA et al., 2011; MILLEN NETO et al., 2011), percebe-se que o esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar ainda parece não ter se definido na forma como é entendido e trabalhado pelos professores dessa área do saber. Essa situação leva a pensar que, ainda hoje, os professores de Educação Física parecem estar sob a influência da concepção esportivista, com

seus códigos e valores relacionados ao rendimento, restringindo os conteúdos das aulas aos esportes, nomeadamente as modalidades mais tradicionais, como futsal, vôlei, handebol e basquete (ROSADO; DARIDO, 2005). Essa situação é caracterizada por Paes (2002) como prática repetitiva de gestos técnicos em diferentes níveis de ensino, visto que, na maioria das vezes, o mesmo conteúdo se repete desprovido de qualquer tipo de adequação para os diferentes segmentos que compõem a Educação Básica.

A realidade mostra que, no âmbito da educação formal, as mudanças na maneira como se vincula o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física são complexas. Há uma série de elementos que dificultam as mudanças, como, por exemplo, as finalidades em que se deu a inserção da Educação Física como componente curricular na escola, o imaginário popular e o status de fenômeno social atribuído ao esporte no Brasil e no mundo, bem como a sua utilização como elemento alienante das grandes massas populares pela classe dominante.

De tempos em tempos, tem-se acompanhado o lançamento de uma série de programas e projetos por parte do governo nos quais a tônica volta-se para o binômio esporte/escola. Subvertendo a lógica da formação escolar, em sua maioria, trata-se de iniciativas que chegam envoltas por belos, antigos e vazios discursos ufanistas, os quais almejam, sobretudo, revelar atletas em potencial na escola, visto que essas iniciativas surgem de forma fragmentada, sem pretensão de continuidade e sem se levar em consideração os diferentes contextos em que se encontram as escolas nas regiões brasileiras. Um exemplo recente e que tem causado certa polêmica no meio acadêmico é o plano Brasil Medalhas 2016, que foi lançado pela presidenta Dilma Rousseff e pelo Ministro do Esporte, Aldo Rebelo, com o objetivo de colocar o Brasil entre os dez primeiros países nos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Em síntese, trata-se da promoção de provas de salto em distância e corridas de velocidade nas aulas de Educação Física, em busca de talentos que faltam ao esporte olímpico brasileiro. Entre as críticas que se tem acompanhado sobre esse plano, em específico, destacam-se aqui as palavras de João Batista Freire, ao afirmar que, quando um aluno recebe uma aula de matemática, supõe-se que o professor não vê nele um futuro matemático, e sim um futuro cidadão, que até pode vir a ser um matemático. Na disciplina química, também

o que está em jogo é a formação do cidadão; supõe-se que, aprendendo química, sua chance de viver eticamente aumenta. Na mesma direção, nas aulas de Educação Física escolar, o bom professor não concebe o seu aluno como um atleta, e sim como um cidadão, que deve ser respeitado em seus direitos de aprender e poder escolher maneiras de conduzir bem sua vida individual e social (FREIRE, 2012).

Nessa perspectiva, o presente estudo buscou analisar, a partir do discurso dos professores, como ocorre o trato com o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física escolar nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio.

O esporte e o discurso da legitimidade e autonomia da Educação Física na escola

Indubitavelmente, o esporte detém o *status* de expressão hegemônica da cultura de movimento na sociedade atual. De forma semelhante, o é no contexto escolar. Diferentes razões, como afirma Bracht (2000), vêm ao longo dos tempos contribuindo para que o esporte se configure como conteúdo dominante na escola, como, por exemplo, o entendimento pelo sistema esportivo da escola como *base* para o seu desenvolvimento, sua vinculação com a saúde, sustentado pelo binômio esporte-saúde.

A atribuição de termos como fenômeno e instituição social pelos estudiosos, quando se referem ao esporte, apenas confirma a abrangência dessa prática corporal na sociedade ao longo dos tempos. Trata-se do esporte que se assenta sobre os códigos do rendimento, da competição e, sobretudo, do espetáculo nos moldes de produção de uma sociedade capitalista. No âmbito da escola, mais precisamente nas aulas de Educação Física, o esporte trabalhado reproduz os mesmos códigos vigentes na sociedade em um dado momento histórico.

A partir da década de 1980, embasados pelos pressupostos da sociologia crítica do esporte e teorias críticas da educação e Educação Física (BRACHT, 2011; KUNZ, 2000; SOARES et al., 1992), iniciaram-se, de forma contundente, pela comunidade acadêmica debates e críticas sobre o esporte de rendimento na escola, tendo como pano de fundo as finalidades e objetivos da Educação Física escolar, a busca por sua legitimidade, bem como a dimensão educativa e/ou formação

do aluno por meio da referida prática pedagógica e seus conteúdos presentes na instituição escolar (BRACHT, 2000).

Nesse cenário, evidencia-se um paradoxo no qual o trato do esporte, nos moldes de rendimento na escola pela Educação Física (esporte na escola), representaria uma forma de legitimar seu papel enquanto componente curricular. Por outro lado, o esporte, desprovido de transformação didático-pedagógica, visando sua adequação enquanto tema da Cultura Corporal de Movimento (esporte da escola), representaria a expressão máxima de não autonomia enquanto prática de intervenção pedagógica.

Na proposta de Kunz (2000) sobre a necessidade de transformação didático-pedagógica do esporte no âmbito escolar, tem-se esse conteúdo desenvolvido de forma a transcender o reducionismo da prática pela prática numa perspectiva inclusiva. Nessa perspectiva, ao longo do processo ensino-aprendizagem, o professor oportunizaria o aluno a ter condições de não somente praticar o esporte, mas também de percebê-lo como fenômeno histórico-cultural construído pelo homem, passível de modificações e atualizações para situar-se numa dada sociedade, num dado momento. Ainda nesse contexto, as aulas de Educação Física escolar deveriam se configurar como espaços nos quais os alunos fossem capazes de refletir sobre as diferentes representações do esporte no meio social, como, por exemplo, o esporte e a influência midiática, sua mercantilização e esportivização, promoção de saúde e a potencialização do consumo de produtos pelo e para o esporte. No entanto, como afirmam Millen Neto, Ferreira e Soares (2011), o ideal esportivo, que se desenvolveu notavelmente no Brasil nos anos de 1960 e 1970, continua forte e ainda é o principal elemento legitimador da Educação Física escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

A fim de analisar aspectos ligados ao trato do conteúdo esporte por professores de Educação Física na escola, foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva (RICHARDSON, 1999; THOMAS; NELSON, 2012). Os participantes deste estudo constituem uma amostra de 13 professores, sendo 4 do gênero masculino e 9 do gênero feminino, com média de idade de 35,4 e desvio-padrão de $\pm 8,9$, atuantes em escolas da rede pública e particular da cidade de Ouro Preto, MG.

Vale ressaltar que esses sujeitos se formaram na última década. Para fins deste estudo, os professores entrevistados atuavam nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio.

Para a coleta dos dados, foram utilizados como instrumentos observação (THOMAS; NELSON, 2012) e um questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas; as questões fechadas foram estruturadas a partir da escala Likert de três pontos (LIKERT, 1932), que permitia aos entrevistados apresentar três níveis de concordância para um item, variando do número 1 para o principal motivo, 2 para o segundo motivo e 3 para o terceiro principal motivo, em ordem de importância. Ao final de cada questão, havia espaço destinado a oferecer ao entrevistado a oportunidade de emitir resposta diferente, caso não se identificasse com as alternativas apresentadas. A coleta de dados se deu no período compreendido entre os meses de junho e setembro de 2012.

Na elaboração dos Gráficos 2, 3 e 4, foi considerado apenas o nível de concordância de número 1, que se referia ao principal motivo nos itens das questões apresentadas aos entrevistados.

Na análise dos dados coletados, foi empregada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2006). Dessa forma, inicialmente foi analisado o conteúdo contido nas respostas dos participantes, para então se estabelecer uma identificação de categorias sistemáticas e suas respectivas correlações num momento posterior. Na organização e análise dos dados coletados, foi utilizado o programa N-Vivo 9, versão em português.

Vale ressaltar que, antes da aplicação dos questionários, foi explicado aos participantes o objetivo do estudo e que eles tinham liberdade para participar ou não da pesquisa. Assim, todos eles assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética da Faculdade de Minas, sob o registro de número 0783/2012.

RESULTADOS

Ao analisar os conteúdos trabalhados pelos professores nas aulas de Educação Física, como apresenta o Gráfico 1, percebe-se a ênfase dada ao conteúdo esporte, que surge como a primeira opção de

conteúdo pelos professores no planejamento letivo. Na sequência, os conteúdos jogos, dança e brincadeiras surgem numa frequência significativamente inferior àquela referente ao conteúdo esporte.

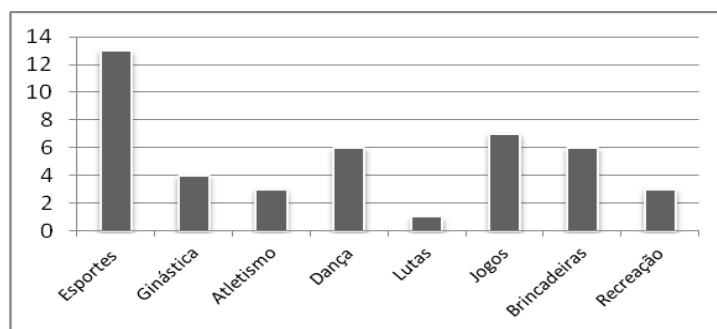


Gráfico 1 - Conteúdos trabalhados pelos professores nas aulas de Educação Física.

Entre os principais motivos que contribuem para que o esporte seja o conteúdo privilegiado nas aulas de Educação Física, destacam-se variáveis como por ser um fenômeno sociocultural brasileiro, com 61%, seguida por é interessante para a maioria dos alunos (23%) e, com 8%, as opções conteúdo comum à vivência dos alunos e por melhor contribuir na formação dos alunos.



Gráfico 2 - Principais motivos de se trabalhar o esporte nas aulas de Educação Física

Na definição de objetivos que se buscam atingir ao se trabalhar o conteúdo esporte nas aulas, é possível observar nos resultados apresentados no Gráfico 3 que, dos professores entrevistados, 30,8%

buscam desenvolver a criticidade dos alunos e 23%, a formação dos valores morais e comportamentais. A aquisição e manutenção da saúde e condicionamento, visando à prática de exercícios físicos, aparecem numa frequência de 23%. Já os objetivos que se relacionam a preparar os alunos para a prática de atividades recreativas se apresentam em um total de 15,6%. Quanto aos objetivos com vistas ao desenvolvimento motor dos alunos, tem-se um percentual de 7,6% dos professores que trabalham o referido conteúdo em suas aulas.

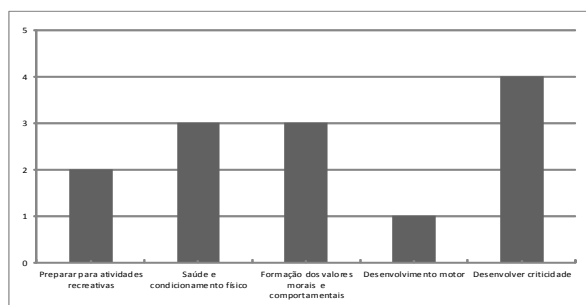


Gráfico 3 - Objetivos buscados com o trabalho de esporte nas aulas.

Quanto à percepção dos professores sobre o esporte enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física, os resultados apresentados no Gráfico 4 mostram o esporte como o conteúdo de maior aceitação pelos alunos (38,5%) e importante elemento que contribui para legitimar a Educação Física perante a comunidade escolar (38,5%). Nota-se a equanimidade e prevalência entre essas duas variáveis quando relacionada a uma terceira, que o considera como o principal conteúdo das aulas de Educação Física escolar (23%).

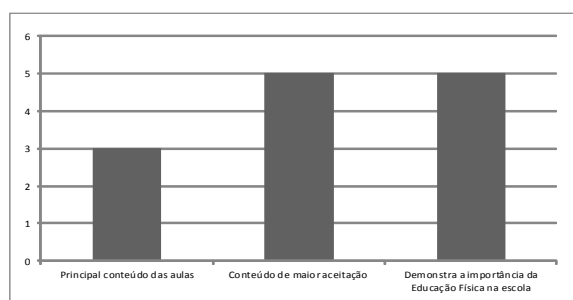


Gráfico 4 - Percepção do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física pelos professores.

DISCUSSÃO

A análise realizada sobre a Educação Física escolar, tendo como eixo norteador o trato do esporte pelos professores, corrobora uma situação destituída de qualquer resquício de ineditismo no âmbito das pesquisas que se voltam para esse campo de intervenção e que vem sendo produzido ao longo das últimas décadas (Gráfico 1). Tem-se o conteúdo esporte que se mantém, confortavelmente, alicerçado sob uma hegemonia já anunciada, denunciada e criticada por um volume considerável de estudos iniciados nos anos de 1980 (BRACHT, 2011, 2000; MELLO et al., 2011; DARIDO, 2005; KUNZ, 2000; VAGO, 1996; SOARES et al., 1992).

Ao se considerar a Educação Física como componente escolar e suas finalidades para/na formação do aluno, tem-se como característica fundante dos estudos que analisam o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física a problemática: o esporte trabalhado no interior das escolas, o qual, em sua maioria, é regido por códigos que o estruturam sob a égide do rendimento, da espetacularização e do mercantilismo e que, por sua vez, é amplamente difundido pelos meios de comunicação de massa no meio social (PRONI; LUCENA, 2002; BRACHT, 2011).

Os principais motivos de se trabalhar o conteúdo esporte nas aulas (Gráfico 2), apontados pelos professores, coadunam com os pressupostos teóricos apresentados pelas abordagens críticas, mencionadas ao longo deste texto, que tomam os conteúdos e a forma de abordá-los como elementos históricos e culturais produzidos pelo homem, ao longo dos tempos. Dessa análise destacam-se motivos como o fato de ele deter o *status* de fenômeno sociocultural brasileiro e, conseqüentemente, o interesse que desperta nos alunos. Somado a isso tem-se, entre os objetivos almejados com o trabalho do esporte em suas aulas, o desenvolvimento da criticidade, formação de valores que surgem como os objetivos principais e, na seqüência, numa menor frequência, aqueles aspectos que se relacionam a desenvolvimento motor, condicionamento e práticas físicas (Gráfico 3).

No entanto, em um segundo plano, subvertendo essa lógica, as observações feitas nas aulas revelam um enorme abismo entre o discurso e a prática desses profissionais. Ratifica-se aqui aquele ditado que expressa que *na prática a teoria é outra*. Por meio das observações nas diferentes escolas contempladas por este estudo, ao se considerar

o trato com o conteúdo esporte, foi evidenciada uma realidade da qual foi possível estabelecer duas situações: o esporte trabalhado numa perspectiva meramente tecnicista e/ou o esporte praticado pelos alunos, no decorrer das aulas, desprovido da intervenção do professor no que se refere à condução do processo ensino-aprendizagem, o que o remete a uma prática recreacionista (KUNZ, 2000) ou, em outras palavras, o habitual *rola-bola*.

Ainda que a análise da(s) abordagem(s) adotada(s) em aulas pelos professores não tenha se constituído o eixo norteador do presente estudo e que o quadro apresentado não seja dos mais otimistas e indicativo de mudanças, foi possível apreender, entre os professores que fizeram parte do estudo, indícios que revelavam a preocupação com questões de gênero e no oferecimento aos alunos de uma formação crítica no âmbito da Educação Física (Gráfico 3). No entanto, a adoção de uma abordagem crítica de ensino por esses profissionais não se mostrou materializar em suas aulas. Essa é uma problemática que certamente demanda mais pesquisas na área, pois a presença das abordagens críticas de ensino nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura em Educação Física, em disciplinas como Metodologia do Ensino, Didática da Educação Física, Prática de Ensino e outras, não tem sido capaz de transformar/alterar a prática do professor nas aulas de Educação Física. Isso, somado ao fato de que o movimento renovador se firmou nos primeiros anos da década de 1990 e que os professores que fizeram parte deste estudo se formaram nas últimas décadas, denota um quadro ao mesmo tempo curioso e preocupante em termos de intervenção profissional. Ainda que de forma empírica, a realidade proporciona elementos para se refletir acerca do problema. Uma intervenção pedagógica estruturada por meio de planejamento que se efetiva ancorada por pressupostos de uma abordagem crítica ou acrítica de ensino, certamente, demanda uma dedicação prévia, a que muitos professores de Educação Física parecem ter aversão.

Foi ressaltado neste texto, com base nos dados apresentados no Gráfico 2, que, entre os motivos de se trabalhar com o esporte nas aulas, destaca-se o fato de esse conteúdo ser considerado um fenômeno sociocultural no Brasil pelos professores. Pois bem, nessa esteira de discussão, tem-se de levar em consideração que, do ponto de vista sociocultural, parece persistir um entendimento equivocado de Educação Física e esporte como mesmo significado. Trata-se de uma situação que se percebe no imaginário infantil. Geralmente, os

alunos, nos primeiros anos da Educação Básica, chegam à escola com essa concepção. E com um agravante: Educação Física e esporte se mesclam numa vertente eminentemente prática. Um exemplo pode ser percebido quando o professor busca considerar no trato com um conteúdo, para além da dimensão procedimental, a dimensão conceitual e a atitudinal. Ainda que as referidas dimensões do conteúdo encontrem-se imbricadas e possam ocorrer de maneira simultânea durante um momento da instrução (DARIDO, 2005), é comum se ouvir por entre os alunos questionamentos do tipo: *quando a aula vai começar?*, *solta a bola professor!* O problema é que essa visão equivocada do significado de Educação Física e de esporte parece permanecer e, com as devidas exceções, nem mesmo os anos em que o acadêmico permanece no curso de licenciatura em Educação Física parecem contribuir muito para desconstruir o conceito.

Dos temas tratados pela Educação Física na escola, o conteúdo esporte apresenta-se não somente como o principal, como também o mais aceito pelos alunos (Gráfico 4). Nesse campo favorável, o esporte é percebido pelos professores como o conteúdo que enaltece a importância de sua área de intervenção junto aos alunos e à comunidade escolar. Esse entendimento sobre o esporte ultrapassa os muros escolares e se encontra presente em discursos, políticas públicas e ações que fomentam o esporte e sua interface no âmbito da escola. Tem-se, como exemplo, já mencionado neste texto, a iniciativa do Ministério do Esporte denominada Brasil Medalhas 2016. Ao se considerar o contexto histórico, percebeu-se que desde a sua implantação no currículo em 1882, com o parecer de Rui Barbosa, a Educação Física assumiu características das instituições onde era ministrada, como as influências médica, militar e esportiva (SOARES, 2007). Nesse sentido, a iniciativa Brasil Medalhas 2016, pela forma como é concebida pelo Ministério do Esporte, remete à década de 1970, em que a escola foi comparada com um celeiro de atletas em potencial, um espaço para descobrir talentos esportivos.

No âmbito do conteúdo esporte, ao investigar as modalidades esportivas mais trabalhadas nas aulas, o futsal, o vôlei, o handebol e o basquete apareceram como as mais frequentes, com destaque para as duas primeiras. Esse fato leva a se pensar na ausência de inovação nas aulas e, por sua vez, na manutenção de modalidades esportivas que se encontram em evidência na mídia brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com os objetivos deste estudo, a questão que se coloca é perceber no âmbito escolar quais barreiras devem ser transpostas para se desenvolver um trabalho com enfoque educativo e crítico do conteúdo esporte nas aulas. Trata-se de indagações que persistem mesmo após duas décadas de movimentos e discussões em prol da formação do aluno pelo trato com o esporte enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física.

No discurso dos entrevistados, foi possível perceber influência de pressupostos críticos para o trabalho não só do esporte como dos demais conteúdos da Educação Física escolar. O que não ficou claro é a dimensão em que esses pressupostos se efetivam nas aulas e, por conseguinte, na formação dos alunos, visto que, no discurso dos professores, o trato com o conteúdo esporte nas aulas possibilita a formação crítica do aluno. No entanto, a prática desses mesmos professores reproduz os códigos e valores comuns ao modelo esportivo vinculado pela mídia na contemporaneidade.

O esporte é um elemento de grande expressividade no campo da Educação Física escolar. Contudo, o que o configura como um potencial conteúdo educativo não está centrado no espetáculo, no rendimento ou na sua popularidade, mas no trato pedagógico de que qualquer conteúdo deve estar imbuído para fins educativos dentro do ambiente escolar, sendo este desenvolvido de forma a oportunizar experiências a maior gama de alunos possível e acompanhado de trato reflexivo e formativo para ser realmente formador de cidadãos.

ABSTRACT

DEALING WITH SPORT CONTENT IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: FROM DISCOURSE TO CURRENT PRACTICE

This study analyzes, from teachers' discourse, how it occurs the dealing with sport content in Physical Education classes. It has been

considered the work done by acting teachers in public and private schools of Ouro Preto city in Minas Gerais, Brazil. A questionnaire was used, based on specific literature, with objective and discursive questions structured from the three point Likert scale. The obtained results express that, even after two decades of movements and discussions that criticized the way the sport is inserted in schools, it is maintained a situation in which the sport holds a supremacy between the other contents, thus assuming legitimizing function not only from the teacher but also from Physical Education as a curricular component.

Keywords: physical education, sport, school.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B.; TUCHER, G.; ROCHA, C. A. Q.; PAIXÃO, J. A. Percepção discente sobre a educação física escolar e motivos que levam à sua prática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 10, n. 2, p. 109-116, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: Unijuí, 2011.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Revista Movimento**, ano VI, n. 12, 2000.

COICEIRO, G. A. **O imaginário social de aventureiros do extremo**: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultra-resistência. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil, 2007.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. A. C. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, J. B. Não somos caçadores de talentos. **Centro Esportivo Virtual: Blog do João Freire**. Disponível em: <<http://blog.cev.org.br/joaofreire/>>. Acesso em: 23 set. 2012.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

LIKERT, R. A Technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 22, n. 140, p. 1-55, 1932.

MELLO, A. S.; SCHNEIDER, O.; SANTOS, W.; VOTRE, S. J.; FERREIRA NETO, A. Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 175-193, abr./jun. 2011.

MILLEN NETO, A. R.; FERREIRA, A. C.; SOARES, A. J. G. Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 3, p. 416-423, jul./set. 2011.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PEREIRA, F. M. **O cotidiano escolar e a educação física necessária**. 2. ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1997.

PRONI, M.; LUCENA, R. **Esporte**: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSADO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Revista Motriz**. v. 11, n. 3, p. 167-178, 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/issue/view/19>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

SOARES, C. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

THOMAS, J. R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Revista Movimento**, v. 3, n. 5, 1996.

Endereço para correspondência:

Departamento de Educação Física - UFOP
Campus Universitário
35400-000 Ouro Preto MG
E-mail: jairopaixao@ufv.br